EXPEDIENTE.

—

Recebemos dois artigos do Sr. J. J. Ferreira Lopes. São de muito proveito para a nossa Agricultura. — Brevemente os publicaremos.

A mui noticiosa carta do sr. J. P. Lima hade tambem proximamente ser publicada; bem como os alvitres que sobre pontos importantes propõe o sr. R. C. S. C. nas suas duas cartas.

Agradecemos o artigo acerca do Poeta Claudio Manoel da Costa.

Publicações recebidas — *O Trovador* n.os 10, 11 e 12 — *O Crime ou 20 annos de remorsos*, drama em 5 actos pelo Sr. José Maria Affonso.

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS INTERESSES ECONOMICOS DO PAIZ.

22 No prologo do presente volume mal apontámos as bases sobre que deveriamos assentar os nosssos trabalhos.

Um prologo só póde ser a simples exposição de principios, ou a incompleta demonstração de um pensamento, que precisa tempo e estudo para devidamente se desenvolver. — Preferimos a concisão e dissemos pouco, pois que reservámos para ao diante o amplo desenvolvimento das consequencias, que podiamos tirar dos grandes factos, sobre que chamamos a attenção dos leitores da Revista.

A crença, que temos na força dos interesses moraes e dos interesses physicos, leva-nos a considerar, unicamente, como transições indispensaveis, estas épochas indefinidas que alguns julgam o ultimo periodo da existencia social.

É verdade que do mappa do mundo teem desapparecido algumas nações; mas a historia nos ensina que a sua existencia era uma vida artificial, que não se regulava pelos principios constitutivos da sociedade.

Que é feito dos vastos imperios da antiguidade? — Que é feito da patria de tantos guerreiros, que pelo seu extremado valor tornaram quasi fabulosa grande parte da historia? — De tantos e tam altos feitos apenas restam vagas lembranças nessas duas vigias, com que a Providencia, em todos os seculos, tem precedido a civilisação — no edificio — e — no livro!

Tudo morreu em volta desses depositarios dos segredos do passado. — Tinha de ser assim, porque nenhum desses imperios havia limitado a existencia ao respeito á virtude e ao ennobrecimento do trabalho.

A lucta dos interesses moraes foi trabalhosa e demorada; as questões de religião, as questões de dynastia, ahi se debateram entre os horrores da guerra. — E no meio dessa decomposição violenta de muitos elementos, foram-se formando, de um lado, um vulto grandioso e respeitavel a que se chamou povo, e do outro, a simples imagem do sentimento, que o Eterno havia gravado no coração do primeiro homem; e este ser, todo espiritual, tomou a forma de um symbolo, o qual foi como uma sombra benefica estendendo-se por todo esse vulto gigantesco.

Ao cabo de luctas sanguinolentas, quando o homem condemnou, por si mesmo, os desvarios da propria razão, e quando as ambições foram castigadas com a inutilidade dos seus esforços, principiaram a desenvolver-se os interesses, que diziam respeito ao nascimento e á destribuição desta avultadissima somma de meios, que satisfazem as necessidades da vida e as do aperfeiçoamento da intelligencia.

Os interesses, que deste modo davam como findas todas as questões relativas á situação moral do homem, denominaram-se interesses economicos; pois que tinham de formar as leis que deviam regular no futuro a vida das nações.

A falsa interpretação, que alguns deram aos chamados *interesses materiaes*, fez julgar, que os seus defensores eram inimigos da moralidade publica, quando pelo contrario taes interesses não podem desenvolver-se sem que todos respeitem a moral e a justiça.

Eis-aqui os incontestaveis motivos, pelos quaes os interesses economicos de Portugal não assentam no esquecimento e no desprezo pelo passado.

Os nossos maiores pagaram á fé e á independencia desta porção de territorio, que chamamos patria, um pesadissimo tributo de sangue.

Conquistaram nos palmo a palmo o direito de ajoelharmos em um templo e o direito de sermos Nação.

Cada um dos individuos, que forma esse grande ser moral, é por tal motivo um operario que se deve lembrar com respeito dos leaes e bravos heroes, que sobre os braços, forrados de ferro, poderam levar seus filhos á egreja da Batalha para, sob as abobadas d'aquelle templo receberem, além do sacramento do baptismo, o chrisma da nacionalidade.

Respeite o operario recordações tam gloriosas; venere a cruz, que seus avós traziam sobre o peito; mas não olhe com saudade para o montante pendurado á porta do templo.

O trabalho é a unica base dos interesses que ao presente convem estudar.

O espirito vacilla, quando na presença dos principios que deixamos esboçado, deve julgar as nossas desgraçadas dissenções politicas. — Custa a perceber a sua significação, quando se reconhece que não pertencem ás épochas heroicas do passado, nem aos primeiros dias do futuro de paz que já começa em toda a Europa: são apenas uma transição custosa de passar, antes que no horisonte carrancudo desponte a aurora do desengano.

Durante este periodo, os homens, a quem a esperança concede o suave conforto da fé, devem com o maior desvelo guardar a arca santa, em que jazem os germens da prosperidade publica.

É uma missão difficil, que por ora apenas tem como paga a coroa e o sceptro do Rei da Judéa, mas que um dia se transformará em um apostolado tam glorioso como o do Nazareno, porque o presente já está mostrando que o primeiro sacerdote da nova civilisação póde assentar-se na cadeira de S. Pedro.

Quando a historia das nossas guerras e descobertas acaba em Alcacerkebir como um conto arabe, interrompido pela tempestade do dezerto, principia a historia de um povo, que por meio do commercio e da industria quer entrar na estrada da civilisação. — No principio de tam ardua empreza duas guerras de independencia malograram todas as esperanças.

A usurpação dos Filipes e a invasão de Napoleão atrazaram nos mais de dous seculos. Em Portugal são

tristes e desgraçadas as primeiras paginas da historia do trabalho.

As tentativas do Marquez de Pombal, e as do reinado do Sr. D. João VI não surtiram o desejado effeito. E para isto bastaram as paixões, que nascidas e educadas no meio da guerra, não podiam sujeitar-se á discussão pacifica dos interesses economicos.

Só com a espada se poderá governar a terra, em que todos quizerem defender os seus principios com as armas na mão.

Até hoje a verdadeira civilisação do paiz tem sido sacrificada aos rancores das parcialidades politicas.

O rumor surdo, que parece lavrar pela nossa sociedade, e que muitos consideram a ultima agonia do paiz, é o indicio do brado unisono, com que todos havemos de saudar o dia bem aventurado, em que nos abracemos como irmãos, para, unicamente com a mina inexgotavel do trabalho, enriquecermos o mais formoso jardim da Europa.

Não morre a nação, que Deus fadou com um solo fecundo, cortado pelos rios fertilisadores: e que ostenta as gallas da vegetação por meio de um clima saudavel e ameno.

Claramente se vê que em uma terra como esta, a agricultura é sem duvida a cousa mais importante. Mas sem o trabalho, a terra mais fertil é ápenas uma matta, ao passo que a charneca revolta pelo ferro do arado, aproveitada para uma semeadura especial, se transforma em campo valioso e productivo. E não é só a acção, por assim dizer mecanica da força, que constitue o trabalho, pois que na escolha dos meios para fertilizar a terra, e na mesma pratica desses meios, a intelligencia do homem se empregou com actividade, assim como na creação do capital que póde adiantar para essa empreza.

É deste modo, que pela analyse, encontramos o ponto, onde os interesses economicos se confundem com os interesses moraes.

O zelo, com que devemos promover o incremento da nossa agricultura, não provém de que se lhe dê preferencia absoluta sobre as outras industrias. — Nasce da posição geographica do paiz e das relações economicas que devemos ter com os outros povos. — Em um paiz agricola é um absurdo discutir preferencias, porque nesse paiz não se poderá progredir no caminho da civilisação, sem que a opulencia do commercio e os aperfeiçoamentos da industria manufactureira auxiliem a producção da agricultura, facilitando-lhe ao mesmo tempo o giro dos seus productos.

Em Portugal todos reconhecem bem estas verdades, e não as esquecem quando, ao presente, se interessam com enthusiasmo nos melhoramentos da Agricultura. — A Revista fará todos os esforços para cumprir os deveres que ousa contrahir, vendo as mais elevadas intelligencias e os mais rudes aldeões olharem esperançosos para este torrão, que nos não fugiu como o ouro que fomos buscar ao novo mundo, levando, para trazer em vez do fructo do nosso trabalho, a força das nossas armas. — Este jornal conta prestar á Agricultura e a todos os interesses economicos avultadissimos serviços por meio da sua respeitavel collaboração. E as suas paginas vão ser como um registo das necessidades economicas do reino, e dos aperfeiçoamentos e novas praticas, com que os nossos mais distinctos agronomos brindem a patria.

E foi para bem solemnemente declarar as nossas intenções, para bem alto bradar pelo auxilio de quantos podem promover a prosperidade publica—que julgâmos conveniente appresentar estas reflexões preliminares sobre os interesses economicos do paiz, antes de successivamente os estudarmos no decurso da nossa redacção.

BOA NOVA PARA A AGRICULTURA NACIONAL.

23 Apressamo-nos em dar aos nossos leitores a satisfactoria noticia, que o Sr. Dr. José Maria Grande, Lente de Botanica da Eschóla Polytechnica de Lisboa, ao acceitar o convite, que tivemos a honra de lhe dirigir, para collaborador d'este jornal, teve a delicadeza de nos offerecer a continuação dos seus Passeios ao Jardim Botanico da Ajuda; e junctamente nos concedeu licença para publicarmos de novo os primeiros artigos, que sobre este assumpto sahiram a lume na *Illustração*, corrigidos e mui augmentados por S. Ex.ª

Esta obra, depois de terminada, será o primeiro tractado de Botanica Popular, que se haja publicado em Portugal.

A elegancia e amenidade de estylo do Sr. José Maria Grande, anda a par do saber e do gosto com que sempre tem cultivado as sciencias e as lettras.

Brevemente começaremos esta publicação, e mais detidamente diligenciaremos tributar-lhe o devido louvor.

O SAL APPLICADO AO SUSTENTO DO GADO.

Os resultados da applicação do sal ao sustento do gado, parece que ainda não estão sufficientemente demonstrados para alguns agronomos. Quando em França em 1846 se tratou de reduzir o direito sobre o sal, alguns membros das camaras se opposeram á benefica influencia do sal sobre a nutrição. — Lembra-nos que o mui accreditado chimico Gay Lussac foi um dos que mais impugnou essa opinião.

Como um dos nossos mais firmes propositos é fazer conhecer aos leitores tudo quanto se passa fóra do paiz, e de que possa resultar proveito á agricultura e á industria nacional; vamos informal-os do que, ácerca deste assumpto, se passou nas sessões de 15 e 22 de novembro ultimo na Academia das Sciencias de Paris.

Por esta occasião asseguramos aos leitores, que regularmente lhes daremos conta das importantes sessões dessa respeitavel associação, pois que o nosso fim é fazer com que todas as classes da sociedade encontrem na Revista os conhecimentos uteis de que mais carecerem, e o deleite, que o

espirito deseja, sem que tenham de percorrer os muitos jornaes, que é mister examinar, quando não ha quem nos offereça esse trabalho.

—

24 As primeiras experiencias, começadas por M. Boussingault, com o intento de reconhecer a influencia, que o sal ministrado ao gado exerce sobre o seu desenvolvimento, deram um resultado inesperado e contrario á opinião geralmente recebida. Ainda que os animaes procuram o sal com avidez, ainda que se haja affirmado que seis arrateis de feno, polvilhado de sal, sustentam tanto como oito sem elle, achou-se que — em seis toiros, nos quaes M. Boussingault fez as suas experiencias, os tres, que o não comeram, tinham engordado um pouco mais do que os outros tres, que em seus alimentos se tinha misturado o sal em fortes dóses.

Porém antes de formar um juizo seguro sobre esta grave questão, M. Boussingault julgára prudente proseguir em suas experiencias.

Concebe-se facilmente que um animal supporte bem, durante certo tempo, a privação de um alimento, a que estava costumado; e que só depois manifeste algum incommodo proveniente da privação a que o condemnaram. É talvez a alguma acção deste genero, que se deve attribuir as pequenas discordancias, que se encontram entre os primeiros resultados, communicados por M. Boussingault, e os que elle appresenta hoje passados treze mezes de experiencias assiduas.

Os mesmos seis toiros foram, como precedentemente, divididos em duas manadas. A primeira continuou a comer diariamente 102 grammas de sal; e a segunda deu-se-lhe o sustento ordinario. No fim de treze mezes o alimento, consumido por estes animaes, era quasi egual em pezo, e se alguma differença havia era da parte dos que recebiam o sal no alimento. O excesso de carne, attribuida á intervenção das 102 grammas de chlorureto de sodium, não chegava a 62 grammas, quantidade pequenissima, e que não compensava o valor do sal. Porém se este, junto á ração, teve pouco effeito em relação ao crescimento do gado, exerceu com tudo uma acção favoravel sobre o aspecto e qualidade dos animaes. Desde setembro de 1846 até fins de março de 1847, isto é depois de seis mezes de experiencias, os animaes submettidos aos differentes regimens não appresentaram differenças notaveis na sua apparencia. Foi só em abril que esta differença começou a apparecer.

Nos movimentos destes animaes, conhecia-se-lhes uma pelle fina, macia, despregando-se facilmente dos ossos; mas o pello era embaciado e crespo nos toiros da segunda manada, e lusidio e liso nos da primeira. Á proporção que as experiencias se prolongavam, estes caracteres se tornavam mais fortes, e no principio de outubro a segunda manada, depois de ter estado privada do sal pelo espaço de onze mezes, appresentava um pello arripiado, e em muitas partes algumas calvas. Os toiros da primeira manada conservavam, pelo contrario, a apparencia dos animaes criados em curral: a sua vivacidade contrastava com a molleza dos outros.

Nenhuma duvida restava pois que no mercado se obtivesse maior preço pelos toiros alimentados com a influencia do sal.

Por este modo ficava justificada a antiga crença sobre as propriedades salutares do sal. Sem duvida levava-se muito longe a sua influencia, quando se cria no augmento da gordura nos animaes; mas a questão ao presente não é tão simples como ao principio se havia estabelecido. Não se deve só ter em vista a maior quantidade de carne, alcançada pelos differentes methodos adoptados para a criação do gado, mas tambem se deve ter em conta a qualidade da carne, que se offerece ao commercio, e aos consumidores.

Sobre este ponto de vista, o emprego do sal offereceria algumas vantagens, de que hoje ainda se não póde avaliar a importancia, e que as novas experiencias de M. Boussingault ensinarão a conhecer definitivamente.

—

VINHO EXPORTADO PELA BARRA DO PORTO DESDE O 1.° DE JANEIRO ATÉ 30 DE NOVEMBRO DO CORRENTE ANNO.

25

	Pipas.	Almudes.	Canadas.
Janeiro	758	18	8
Fevereiro.	1,985	11	7
Março.	369	20	6
Abril.	2,140	13	16
Maio	666	4	
Junho.	23		
Julho.	5,127	5	10
Agosto	5,058		
Setembro.	4,086	2	7
Outubro	2,734	3	11
Novembro	3,311	5	4
	26,260	11	9

Estes vinhos sahiram para os seguintes pontos:

	Pipas.	Almudes.	Canadas.
Inglaterra	19,772	11	10
Brasil.	2,398	17	7
Hamburgo	691	4	
Estados Unidos. . .	1,771	3	
Dinamarca	206	19	4
Terra Nova	165	14	6
França	12	9	3
Gibraltar.	1	10	11
Quebec	368	4	4
Cabo de Boa Esperança	393	8	3
Suecia e Norwega. .	217	7	11
Outros paizes . . .	8	10	3
Russia	126	3	
Reino e Ilhas . . .	127	12	7
	26,260	11	9

—

CONSERVAÇÃO DAS BATATAS.

26 Pelo que acabamos de ler no jornal francez *Le Commerce*, parece que a epidemia começa a destruir o precioso pão dos pobres. Muitos agrónomos distinctos tratam ao presente de descobrirem meios, para preservar as batatas da epidemia, ou para a poder destruir.

Consta que o ministro da agricultura e commercio recebeu já, d'algumas pessoas entendidas na materia, copiosas informações e acertados alvitres ácerca de um assumpto de tanto momento.

Portugal interessa tambem tanto n'esta questão, que estamos prevenidos, com o maior empenho, para ave-

riguarmos o resultado dos trabalhos que se estão fazendo em França, ácerca do assumpto.

Em quanto não podemos communicar aos nossos leitores essas noticias, que esperamos com anciedade, vamos dar-lhes conta de um alvitre, que, para conservar as batatas, encontrámos no citado jornal.

É um processo muito simples e usado ha bastante tempo na China, mormente na populosa provincia de The-Kiang, onde, pela elevada temperatura do clima, as batatas, assim como germinam mui promptamente, tambem de subito apodrecem: e consiste no seguinte:

Finda a colheita, cortam as batatas em gomos, expoem-se ao sol sobre esteiras de palha ou de junco, até estarem perfeitamente secas. Depois duram annos sem se corromperem. Em França parece que se tem obtido o mesmo resultado, mettendo as batatas nos fornos, depois de cozido o pão. Entregamos estes factos ao bom senso dos nossos agricultores.

ADUBIOS VEGETAES.

27 Todo o terreno, ainda o mais esteril, produz algumas especies de plantas, cuja substancia decomposta dá um estrume, que, em alguns casos, póde substituir os estrumes animaes.

Com o intuito de se obterem taes adubios, deve haver o cuidado em apanhar todas e quaesquer plantas, e enterral-as, antes que tenham perdido ao ar livre a humidade, de que estão impregnadas.

Quando se destina uma porção de terreno baldio, para ser cultivado, o melhor modo de o preparar, para depois receber as plantas delicadas, é semeal-o de plantas a que os botanicos chamam leguminosas, taes como ervilhas, feijões etc.: quando estas começarem a florescer arrancam-se, e enterram-se n'uma profundidade de uns dois palmos. A decomposição d'estas plantas é prompta.

Hoje já não ha ninguem que ignore, que os terrenos devem a sua maior fertilidade ás materias azotadas em decomposição, que se misturam com elles: porém o que muitos ainda não sabem é que — existem plantas, que teem a propriedade providencial de tomar da athmosphera, mais que da terra mesma, a porção de azote que entra na sua composição. N'este caso estão as plantas leguminosas, que teem a flor e a vagem analogas ás da ervilha e feijão. Taes são todas as especies de ervilhas, tremoços, trevo, esparceto, tojo, giesta, e um grande numero de outras, que a Providencia parece ter creado de proposito para ministrar á terra o azote, de que esta carece para poder sustentar a vegetação.

Ha uma infinidade de plantas com esta propriedade, adaptadas a todos os terrenos; como por exemplo, o esparceto ou sanfoin, para os terrenos calcarios, os *Ornithopus* para os areentos e ligeiros; os *Lathyrus pratensis* para as barrentas, e os *Lathyrus palustris* para os alagadiços: — para os terrenos ordinarios ha muitissimas que lhes convém; porém as melhores são o trevo e os tremoços.

Quando se empregarem estas plantas como adubio, deve haver o cuidado de as enterrar antes d'ellas formarem as sementes, porque é n'estas que se concentra todo o azote que se acha espalhado pela planta.

Esta especie de adubio tem ainda outra vantagem, que vem a ser — não ter o grave inconveniente de alterar o sabor e a delicadeza de algumas fructas.

* **

STYLOGRAPHIA, NOVO METHODO DE GRAVURA.

O processo que vamos descrever encontramol-o em um dos mais acreditados jornaes inglezes o *London Journal Repertory of Arts etc.* Pareceu-nos que seria lido com interesse, e por isso o trasladamos para as columnas da REVISTA.

Custa-nos estar a compôr prologo para todos os artigos, mas assim é mister em quanto se não propagar bem a opinião, de que — sendo a REVISTA um jornal destinado a todas as classes da sociedade, não póde por esse mesmo motivo conter em absoluto materia, que no todo agrade só a uma.

---

28 Este methodo foi inventado por Mr. Schœler, natural da Dinamarca. Em 1842 appresentou satisfatorios resultados do seu trabalho ao exame do rei de Dinamarca; este monarcha o premiou com a condição de ser publicada a completa descripção do methodo. Consequentemente Mr. Schœler publicou o seu processo artistico, que tambem foi patente á Academia das Sciencias de Bruxellas, a qual o approvou em sessão de 4 de dezembro do anno passado.

Mr. Buschman d'Aurey o poz em pratica em Anterpia a 18 de maio do corrente, e as suas experiencias foram submettidas á real academia de Bruxellas.

O methodo é o seguinte. — Misturam-se uma parte de copal, tres de estearina e tres de laca, e ajuncte-se-lhe sufficiente porção de negro de Francfort para tornar a composição preta. Este mixto faz se derretendo tudo n'um molde de seis linhas [ou meia pollegada] de altura, formado de duas laminas de cobre, primeiramente esfregadas com um amalgama de estanho, alvaiade e terra de Tripoli, queimado á chamma de uma candeia. A chapa da composição tira-se da fórma ou molde, d'onde sahe com facilidade e se endurece com o contacto do ar. Depois se esfregará com uma solução de resina desfeita em espirito de vinho e se burnirá: antes que esteja sêcca de todo, se polvilhará com prata em pó, até que fique como uma folha de papel branco. O desenho passa-se para a chapa com tinta vermelha, e o trabalho hade ser feito a buril, sendo reguladas as differentes sombras pelos traços mais ou menos fundos e variando-os na largura, bem como as distancias reciprocas.

Gravado o desenho, limpa-se com agua, e cobre-se com uma solução de assucar misturado com pequena quantidade de nitrato de prata e limalha de bronze, dada com uma escôva. Feito isto, resta sómente applicar-lhe o conhecido processo galvanoplastico. Primeiro, forma-se uma chapa em relêvo, a qual produz a que hade ser estampada do mesmo modo que se pratica com as outras gravuras.

A principal vantagem do processo de Mr. Schœler é poupar o trabalho ao gravador, porque elle desenha em preto sobre chão branco da mesma maneira que com o pincel no papel.

Os resultados até agora obtidos, posto que satisfatorios, devem considerar-se meramente como leves indicações do que poderá obter-se deste processo em mãos de artistas de talento; por quanto todas as apparentes difficuldades que occorrem em os novos processos industriaes [na lithographia, por exemplo] se tem desvanecido na pratica das successivas experiencias.

Se, por uma parte, o methodo de Mr. Schœler remove algumas desvantagens, que frequentemente se dão no processo ordinario de gravar a agua forte, e que são desfavoraveis á producção de boas gravuras, por outra parte, necessita de uma extra-operação [a da electrotypia] que occasiona certo consummo de tempo e de dinheiro. Mas não é desarrasoado suppôr que pela experiencia algum melhoramento se effectuará nesta parte do processo. Não é que a *stylographia* rivalise com a outra gravura em belleza, mas tem sobre ella a vantagem de gastar apenas uma decima parte do tempo que se gasta com aquella; e demais, por este meio póde o artista gravar o proprio desenho ainda com maior facilidade do que na lithographia o que é de muito proveito quando se desejam muitos exemplares.

NOVO PROCESSO PARA FABRICAR OS ESPELHOS.

29 O modo de fazer os espelhos até hoje usado, consiste em estender sobre uma pedra horisontal uma folha de estanho, sobre a qual se deita mercurio em quantidade sufficiente para de todo a cobrir; applica-se-lhe depois o vidro, com a superficie perfeitamente limpa; faz-se escorregar sobre a folha de estanho amalgamado, lançando assim fóra todo o mercurio demais. Carrega-se, nesta posição, o vidro com peso quanto baste, para que o amalgama possa adherir; põe-se depois verticalmente por algum tempo, e secca-se.

Este processo mostra claramente a grande difficuldade, ou quasi impossibilidade de fabricar os espelhos curvos, tão necessarios nos instrumentos de optica. A este accrescem mais dois inconvenientes graves: primeiro é a separação que muitas vezes se faz com o tempo, do mercurio de amalgama, formando, ao correr ao longo do espelho, estrias na superficie de reflexão: segundo, a formar-se no amalgama, debaixo da acção de uma luz intensa, uma especie de cristalisação, que altera muito a força reflexiva dos espelhos.

O novo processo descoberto por Mr. *Tourasse*, veio desfazer estes inconvenientes. Consiste em deitar sobre o vidro, colocado horisontalmente, uma dissolução de nitrato de prata, a que previamente se juntasse certa quantidade de ammoniaco, e um oleo volatil que Mr. *Tourasse* designa pelo nome de *oleo de quassia*. Depois do contacto de uma hora pouco mais ou menos, tira-se a dissolução, e lava-se o deposito de prata que ficou sobre o vidro, e secca-se na estufa. Este processo póde, como se vê, applicar-se mui bem ás superficies curvas.

Os novos espelhos reflectem a luz com muito mais perfeição; são muito mais economicos; não produzem nos fabricantes os fataes resultados das emanações mercuriaes.

O unico inconveniente, que havia a temer, era que a prata se alterasse em contacto com o ar impregnado de gazes estranhos, como o sulfidrico etc.; porém este inconveniente evita-se, cobrindo a parte posterior do espelho com um verniz, que preserva a prata do contacto do ar.

MACHINA PARA DESBASTAR A PEDRA.

30 A pedra é collocada sobre uns rodisios, que a fazem passar lentamente por baixo de uma serie de serras e plainas. Estes instrumentos resvalam por um tear inclinado sobre o plano dos rodisios, de fórma que obram obliquamente na pedra, em vez de a desbastarem perpendicularmente: algumas vezes é preciso mudar a inclinação do tear; por isso uma das extremidades deste está fixa ao corpo da máchina por machas-femeas, afim da outra poder mudar de posição.

Esta serie de serras é levantada por meio de molas, e impellida depois sobre a pedra por uns martellos movidos por dois cylindros colocados no fundo da machina. A primeira e a segunda ordem destes instrumentos são agudos, e as outras ordens são chatas, e servem para alisar as superficies. Para formar as arestas, coloca-se em cada um dos dois lados, um cinzel cujo gume é adaptado convenientemente, e trabalha como os mais instrumentos. Estes dois cinzeis cortam a pedra, e formam as arestas com as quaes deve haver todo o cuidado, quando se tiver de voltar a pedra para a aprompiar pelos outros lados.

(Journal des Usines.)

MACHINA PARA FABRICAR TIJOLOS.

31 O barro, á proporção que se vae tirando, é lançado em uma tremonha d'onde sahe para entre dois cylindros, impellidos com movimentos diversos. Estes cylindros reduzem-n'o a laminas delgadas, e lançam-n'o sobre umas chapas fixas, onde é cortado pelos dentes de outro cylindro, os quaes trabalham entre as chapas fixas. Feito isto, o barro é levado por meio de um cano para uma fórma movel, que, apenas se acha cheia, sahe por um embolo; o qual, comprimindo o barro, faz os tijolos que são depois lançados fóra da machina.

(Journal des Usines)

MEIO DE FABRICAR CANOS DE CHUMBO.

32 Lança-se o chumbo derretido em uma fórma de ferro fundido, a qual se deve conservar em alta temperatura, a fim do chumbo se conservar no estado liquido. Na parte inferior da fórma existem um veieiro, cuja abertura circular tem o diametro exterior do cano, um punção egual ao diametro interior do mesmo canudo, e um apparelho, que serve para resfriar o chumbo depois d'este sahir, e para conservar a temperatura do punção abaixo da do chumbo, a fim de obstar a que este se combine com o metal do punção, o que poderia acontecer pelo meio do calor e da pressão. O chumbo restante, e que ainda se conserva em estado liquido, é obrigado a sahir por um embolo impellido por uma prensa hydraulica.

(Journal des Usines)

CURA DA MORPHÉA.

33 Um medico da America Meridional enviou ha pouco tempo, ao governo do Brasil, uma preparação para curar radicalmente a morphéa.

Esta preparação foi remettida á Academia imperial de medicina, para ser examinada.

A *Revista Universal Brasileira*, em que acabamos de lêr tam boa nova, diz, que segundo informações de pessoas competentes, parece que o especifico é composto de mercurio, iodo e arsenico.

PARTE LITTERARIA.

PROPRIEDADE LITTERARIA.

34 De dia para dia se nos figura mais complicada e difficil a missão de que nos encarregámos ao aceitar a redacção deste jornal. — O pensamento vastissimo, que o creou, mal póde ser comprehendido pelos nossos apoucados recursos.

O assumpto, que hoje vamos encetar, é de maxima importancia, e não se póde sujeitar á limitação de um artigo de jornal.

A propriedade litteraria, a mais santa e respeitavel das propriedades, não tem em Portugal uma lei que a regule. São tristes, são vergonhosas as considerações que este desleixo suscita.

Afastemos por em quanto o pensamento do quadro lastimoso das causas, que promovem estas outras faltas, que já não teem desculpa á vista do adiantamento, em que a civilisação vae por esse mundo.

Á custa de muitos e nobres esforços, apenas os auctores dramaticos poderam alcançar alguma cousa em seu favor.

A REVISTA começa hoje a insistir — para que o direito de propriedade litteraria seja respeitado, e para que se promovam os interesses dessa propriedade. Não largaremos de mão tão justo empenho, senão quando perdermos a esperança de alcançar uma só concessão em favor das lettras patrias, ou quando houvermos alcançado todas quantas são devidas á mais nobre e util profissão da sociedade.

O ponto, sobre que por ora fazemos algumas considerações, será ácerca do insultuoso desacato, com que no Brasil se estão roubando os mais illustres escriptores portuguezes; investigando, ao mesmo tempo, quaes serão os meios de evitar tão grave damno para os interesses nacionaes, e tão vergonhosa acção, impropria desse imperio nascente, que não deve consentir que as primeiras paginas da sua historia litteraria appareçam manchadas por este modo.

Custa-nos a resfriar o animo, e conter a indignação que nos domina, quando vemos o interesse vil da especulação despojar um homem pobre e sabio do unico patrimonio que poderia deixar a seus filhos!

¿Mas, por ventura, não é justa e motivada esta indignação?

¡¿Pois o homem que se esconde na estrada para esperar os viandantes, e que lhes tira os seus haveres com uma arma na mão, mas expondo a propria vida, é muitas vezes morto em uma forca, e o que mui covardemente se apodera de um livro, que resume em si, não só avultadissima somma de capital, mas largos annos de uma vida robusta e trabalhosa, hade chamar sua a essa propriedade, que por nenhum direito lhe pertence, sem que ao menos seja marcado por meio da imprensa com o ferrete da infamia que merece?!

As peças deste processo vergonhoso ahi estão patentes.

O mercado dos livros em Portugal é forçosamente limitado, não só pela falta de um systema completo de instrucção publica, como tambem pela nossa população. Na Hispanha a força numerica suppre o geral aperfeiçoamento da intelligencia: os jornaes e os livros nacionaes teem grande venda. A prosperidade das fabricas de papel, e a nitidez e dimensões dos seus jornaes politicos attestam o que fica dito.

Se os leitores faltam aqui neste ponto da Europa, onde teem despontado, sem auxilio nem favor, mui peregrinos engenhos; além dos mares floresce a opulenta linguagem dos nossos maiores, levada com a civilisação a essas terras longinquas.

Todas as vezes que se tem contractado com differentes nações, sobre a reciprocidade de interesses economicos, parece impossivel como não tem lembrado a possibilidade de alcançar de um imperio, que foi nosso irmão, uma convenção em extremo honrosa para ambas as partes contractantes.

O tempo tem sido precioso para se obterem tam felizes resultados. Dentro em pouco será tarde. — Vejam o que aconteceu com a Belgica. — Os exemplos provam que, por mais deshonesto que seja um ramo de commercio quando já se lhe ligaram interesses vastos e poderosos, a auctoridade que o consentiu não tem força para o acabar.

Para se avaliar em que alturas vae o abuso que censurâmos, basta referirmos as ultimas noticias que sobre a materia recebemos do Rio de Janeiro.

Os salteadores tomam todas as estradas: não ha um só dos illustres escriptores portuguezes contemporaneos que não veja, dentro em pouco, o seu patrimonio repartido pelos bandidos. — Não é só um ou outro jornal, que rouba das columnas das nossas publicações periodicas os mais accreditados artigos, rubricados com o nome do auctor, mas sem indicar a fonte d'onde provém, para se pensar que foi escripto expressamente para o pobre parasita.

Ao presente os planos vão mais longe.

Por este modo, já despojaram o *Panorama*, a *Revista* e o *Universo Pittoresco* das suas mais preciosas joias.

Tambem não se limitam a uma ou outra obra; agarram-se a collecções completas. Só uma quadrilha bem armada póde tentar tam grande assalto.

O progresso neste sentido é espantoso. Ainda ha pouco um impressor do Brazil, vindo a Portugal, mimoseou o Sr. Castilho com um exemplar da *Noite do Castello*, impresso, por sua conta, na officina de que era proprietario.

Agora quando cá voltar outro, traz a encyclopedia litteraria da nossa nação.

Os interessados são muitos nesta cruzada que hoje principiamos.

Os prospectos, que acabam de chegar, são um indice dos nomes das victimas.

O Sr. João de Lemos será o primeiro. Póde se ir dispondo porque o salteadores já desembaraçaram as cordas com que o vão amarrar. — As suas poesias formam o 1.° volume de uma collecção, que abrange todos os nossos poetas modernos. Depois ha de vir o *Amor e Melancolia* do Sr. Castilho. Segue-se o cantor do *Bussaco*. O Sr. Alexandre Herculano não o deixaram no remanso da Ajuda, sem lhe profanar os suaves e religiosos sons da sua *Harpa* roubando-os tambem. O Sr. Mendes Leal e outros brilhantes talentos não tentem imprimir as suas

obras: os *honrados* emprezarios da *Grinalda-poetica* fazem-lhes a honra de evitar o incommodo das remessas para o Brasil, e do recebimento da venda. — Lá fazem tudo. Imprimem e saldam as contas.

Proclamaram-nos d'além dos mares as leis absurdas da republica franceza. Acabaram com a lei da herança, ou antes emendaram-n'as em seu favor: *elles* é que são os unicos e forçados herdeiros de todos os nossos distinctos escriptores. As viuvas e os filhos dos mais benemeritos da nossa patria vão vêr antecipadamente a sua desgraça. Quando o abysmo da miseria se lhes cavar aos pés ahi chegará um navio, em que pódem embarcar como colonos, e ao cabo da vida, ou na sua primavera irão ser escravos dos herdeiros dos seus ascendentes!

Na presença de factos de tanta magnitude, parece impossivel, que haja quem encolha os hombros e fique resignado, perguntando pelo que se hade fazer.

¿Pois essas almas brandas e indifferentes teem animo, para, com essa pergunta, fazerem uma affronta atroz a todo o imperio do Brasil?

Não póde ser essa a sua intenção, pois que seria uma injustiça inaudita.

Erguemos este brado a favor das lettras patrias, ainda com mais confiança na probidade e na intelligencia dos distinctos escriptores brasileiros e do seu governo, do que nos meios que Portugal podia empregar para tão nobre e honrosa empreza.

Os nossos irmãos do Brasil, os que pelo seu estudo e saber crearam e cultivam a nova e magestosa litteratura da America, sentem, como nós, córar as faces de vergonha, ao ver o roubo violento que impunemente se está fazendo á mais incontestavel propriedade.

Esta nossa asserção não é uma hypothese nem uma lisonja; é um facto que nos tem sido confirmado por differentes pessoas conhecedoras do Brasil. Entre outros testemunhos valiosos, seja-nos permettido citar o que muitas vezes ouvimos ao Sr. Silvestre Pinheiro, de saudosa e honrada memoria, sobre este assumpto, pois que muitas outras pessoas o ouviram. S. Ex.ª asseverava, que tinha toda a certeza, em como, da parte do governo do Brasil e dos seus mais acreditados escriptores, havia os mais louvaveis desejos para que se entabolassem as relações, que podessem beneficiar o gozo do direito da nossa propriedade litteraria n'esse imperio.

Nem outra coisa era de esperar do alto conceito que nos merecem todos os talentos, que honram o Brasil.

Em quanto a politica absorve as intelligencias governativas, parecia-nos que os interessados nesta grave materia podiam começar a dar provas, de que desejam zelar o que é seu.

As nossas sociedades scientificas e a imprensa podem tambem concorrer muito para um fim de tanto proveito. — Seria extremamente honroso, que durante a proxima legislatura uma deputação dos illustres interessados levasse ao Palacio de S. Bento uma representação energica sobre todos os pontos, que precisam de immediata resolução, para que a imprensa, o maior monumento da civilisação moderna, se erga magestosa e robusta nesta terra, onde se póde adornar com os nomes e os feitos de tantos heroes.

Por mais violenta que fosse a lucta das paixões, que se estivesse travando dentro do Parlamento, era impossivel que todos os seus membros não saudassem com respeito essa reunião do que existe de mais respeitavel nas sciencias e nas lettras.

O ponto, sobre que reflexionamos, forçosamente seria incluido na petição, que não podia deixar de ser mui attendida, sem grave quebra no decoro nacional.

Por ultimo, só temos uma observação a fazer. Se algum jornal parasita do Brasil dezejar utilisar-se deste artigo, e se nos fosse ao menos permittido escolher o possuidor forçado do que é nosso, escolheriamos o *Publicador Maranhense*, por que o podia inserir quando acabasse a publicação das *Viagens na minha terra pelo Sr. Garrett*, as quaes são legitima propriedade da empreza da Revista, e já vão bem adiantadas no referido jornal.

BELLAS ARTES.

ALMOEDA NO PALACIO DA BEMPOSTA.

35 Vimos com muita satisfação que dous jornaes, a *Nação*, e a *Carta*, prestaram a tam importante assumpto a attenção que merece.

Não temos costume de discutir as honras da prioridade ácerca dos muitos alvitres, que a imprensa appresenta sobre differentes pontos; mas por esta occasião não podemos deixar de nos vangloriármos de que um brado nosso, erguido ha quasi quatro annos, tivesse hoje tam poderosos auxiliares. Se já então esse brado era debil, agora ahi fica sumido, por que outras vozes mais altas bradam com o mesmo fim.

Quando em janeiro de 1844, publicámos no *Panorama* as considerações, que nos suscitou a projectada almoeda, só olhámos para o que dizia respeito ás Bellas Artes, pelas quaes, então como hoje, muito nos interessavamos, mas que nessa épocha nos levaram mais tempo de estudo do que actualmente. Occultámos mesmo sobre esse ponto muita cousa, para se não pensar que diziamos de mais. A *Carta* contém sobre o resto noticias importantissimas. O extremo rigor, com que protestamos respeitar a propriedade litteraria, veda-nos que para aqui trasledemos tudo quanto esse jornal diz sobre o ponto, no seu numero de terça feira 13 do corrente; o que muito sentimos: mas para lá enviamos os nossos leitores, que se quizerem informar do que se passa a este respeito. Pediremos unicamente venia á *Carta*, para trasladarmos das suas columnas a lista de alguns dos quadros principaes, que nos parece extrahido de uma celebre lista feita ha mais de tres annos, e que desappareceu como se fôra algum exemplar de classico antigo e raro.

Pela nossa parte, mal lhe podemos pôr a vista em cima, e mais fomos dos ditosos, que na minuta vimos o que desejavamos que tivesse visto o illustre auctor do artigo da *Carta*. Seguramente o seu brio de bom e leal portuguez havia de se offender com o exame.

No artigo que escrevemos, quando tinhamos a honra de fazer parte da redacção do *Panorama*, e que vamos reproduzir em seguida a estas linhas, dissemos que os quadros estavam avaliados em quatro ou cinco contos de réis. Á vista do artigo da *Carta* não duvidamos rectificar essa quantia, se a sua equivalente nesse artigo são os 9:600$000 réis.

Todas estas cousas valem pouco para as consequencias que dezejamos tirar dos factos, que hoje são sabidos.

A lista, que tomamos a liberdade de copiar da *Carta*, é a seguinte ·

« De *Rubens*, o martyrio de um bispo, figuras ao natural, 14 palmos de altura, e oito de largura, avaliado em 500$000.

« De *Raphael*, a Sacra familia, dous palmos de altura, um e meio de largura, avaliado em 500$000 rs.

« De *Guercino*, o descimento da Cruz, visão de S Francisco, doze palmos de alto, oito de largo, avaliado em 500$000 réis.

« De *H. Vernet*, naufragio de um navio, visto de um porto de mar, dous quadros de tres e meio palmos de altura, e seis de largura, avaliados em 576$ réis.

« De *Guercino*, o baptismo de S. Hermenigildo, oito palmos de largo e dez e meio de altura, avaliado em 480$000 réis.

« De *Ticiano*, a mulher adultera, sete palmos de largura, e quatro e meio de altura, avaliado em 250$000 réis.

« De *Pierino del Vago* (discipulo de *Raphael*) a paciencia, quatro palmos e tres quartos de largo, tres e meio de alto, avaliado em 400$000 réis.

« De *Luca de Leida*, a adoração dos Magos, e a fuga para o Egypto, dous quadros avaliados em 400$000 réis.

« De *Guido*, Judith, em figura collossal, avaliado em 250$000 réis.

« De *Raphael*, a adoração dos pastores, avaliado em 120$000 réis.

« De *Luino*, Christo com a cruz ás costas, avaliado em 200$000 réis.

« De *Parmigiano*, Santa Catharina e S. Jeronymo, avaliado em 100$000 réis.

« De *Poussin*, a queda do raio, avaliado em 100$000 réis.

« De *Brugel*, Orpheo, avaliado em 120$000 rs.

« Do *mesmo*, Venus no toucador, avaliado em 100$000 réis.

« De *Pareda*, fructos, avaliados em 160$000 réis

« Esculptura. Um alto relevo de marmore, attribuido a *Bernini*, representando a adoração dos anjos ao corpo de Christo, avaliado em 500$000 réis.

« De *Besuino*, a Magdalena no deserto, vulto em marmore, tres palmos e terço de altura, dous e meio de largura, avaliado em 400$000 reis.

Na presença destas quantias, e do que escrevemos no artigo citado, não duvidamos asseverar, que a avaliação precisa ser reconsiderada.

Ou os quadros são dos auctores a que se attribuem ou não. Se o são como podem taes avaliações subsistir? Se o não são, as quantias talvez estejam exaggeradas. Esta é que é a questão.

Quem tiver o cathalogo da celebre *Galaria Aguado* vendida, não ha muito, em França, póde comparar os preços que ahi fixaram, para *quadros dos auctores acima mencionados*, *os mais peritos avaliadores da França*, e verão a desproporção que existe.

Em que mercado do mundo um quadro de Rafael póde valer 120$000 rs.?

E um Ticiano 250$000 rs.?

Todas as nossas considerações salvam a boa fé dos avaliadores, mas não salvam a sua infallibilidade, e esta ninguem a possue. Todos nos enganemos, e muitas vezes com os mais ardentes desejos de acertar.

A questão das avaliações é uma questão de interesse particular, e por tanto para nós uma questão finda; o nosso ponto principal é, que os quadros não sáiam para fóra do paiz, como já tem acontecido a muitos que possuiamos, e que se comece a cuidar de um museu nacional. Sobre este ultimo ponto já que veio a proposito d'elle tractaremos mais cedo do que tencionavamos: e quanto ao mais não podemos senão repetir o que dissémos, ha mais de tres annos, no seguinte artigo: —

UM BRADO A FAVOR DA GLORIA NACIONAL E DAS BELLAS-ARTES.

«Quando a picareta e o camartelo, acompanhados do cordel municipal, se conspiravam contra os monumentos, que aformoseavam a nossa patria — o Panorama ergueu um brado em favor das victimas do moderno vandalismo: — hoje não póde nem deve ficar silencioso quando lhe consta, que os ultimos restos dos muitos primores d'arte, que enriqueciam Portugal, estão em perigo de, por vil preço, irem augmentar os museus estrangeiros. — Estes primores formam parte do espolio de Sua Magestade a Sr.ª D. Carlota Joaquina, e serão brevemente vendidos em hasta publica; e a troco de quatro ou cinco contos de réis verão os portuguezes cortar as aguas do seu Tejo o navio, que levar para Inglaterra os quadros dos grandes mestres, que poderiam servir, para junto com o pouco que de outras identicas circumstancias nos tem restado, principiarmos a organisação de uma galeria nacional, tão necessaria, e que sem grande sacrificio poderia ser levada a cabo. — Nos quadros de que fallâmos ha muitos admiraveis: será uma desgraça mais para Portugal, se forem levados para fóra do paiz. Pêza nos que o pouco tempo, que a tão importante objecto podêmos consagrar, não permitta que façamos uma rapida apreciação de tantas maravilhas artisticas, que muito nos maravilharam: mencionaremos de passagem um *Apollo* de Dominiquini, em que o colorido é de um effeito assombroso, o desenho correctissimo, e a expressão superior a todo o elogio: o *Baptismo de St.º Hermenigildo*, por Giovanni-Francesco Barbieri, mais conhecido por *Guercino*: neste quadro transluz em toda a pureza e sublimidade do sentimento, essa fé purissima, e divina que por 76 annos derramou a luz do céu na virtuosa vida desse insigne artista, tão nomeado pela sua *Aurora*, ornada de tanta poesia e arte, que rivalisou com a decantada aurora de Guido — e pelos seus quadros da *Morte de Catão* — de *Coriolano vencido pelos rogos de sua mãi* — da *Paz entre os sabinos e romanos*, e de muitos outros devidos á fecundidade e sublime inspiração de seu pensamento, e ao seu vigoroso pincel. O quadro de que fallâmos demonstra todas as eminentes qualidades deste excellente pintor, pois que, além dos caracteres artisticos, que são proprios da epocha em que floresceu, Barbieri possue um estylo com bastante originalidade, mormente no relêvo, o qual estudou com tanta perfeição, que foi por muitos classificado como o *magico da pintura italiana*, segundo conta M. F. Valentin. No *Baptismo de St.º Hermenegildo*, o cruzar dos braços do santo exprime de modo singular a contricção e respeito com que o sacramento é recebido, assim como a, santamente imaginada, cabeça do sacerdote exprime a purissima fé com

que augmenta o numero dos bemaventurados: a figura, que pousa no chão um riquissimo vaso, é de grande effeito, e além do contraste com que enriquece o quadro, appresenta um conhecimento perfeito da musculação. Finalmente este quadro, e outro do mesmo auctor representando o *Descimento da Cruz*, nos arrebatam tanto, pelo pensamento e execução, que só por elles se deveria dar a quantia em que estão avaliados todos os cento e tantos de que consta esta collecção; e mesmo assim não se deveria pensar que se havia dado muito, porque obras destas não tem preço. No mesmo caso estão duas *marinhas* de José Vernet, que não ha imaginação que se cance de as contemplar, nem palavras que as possam devidamente descrever. Assim, a *encantadora paizagem* de um celebre pintor, inspirado como Virgilio pelas margens poeticas e pittorescas do maravilhoso golpho de Napoles, e cuja vida foi um drama tormentoso; Salvador Rosa que deixou nos seus quadros a imagem dos differentes periodos dessa vida tão merecedora de estudo. É tambem digno de especial menção o magnifico quadro de Caraccio, copiado por Polidoro de Caravaggio, representando a crucifixão do apostolo S. Pedro. — A verdade com que este terrivel trance foi appresentada por Caravaggio, torna este quadro de um subido valor artistico. Além de outros, ainda devemos mencionar um quadro da eschola de Rubens, que pela maneira com que a Magdalena está pintada e imaginada, talvez seja de Van-dyck — e outros de Vellasques, de Caravaggio e de algumas das melhores escholas, tornam esta collecção preciosa e digna de não ser separada e vendida como despojos a que se não dá valor. Quando no ermo palacio da Bemposta admirámos estes magnificos quadros, tivemos occasião de contemplar um baixo relevo representando o corpo de Jesu-Christo adorado pelos anjos, que deve certamente ser avaliado como um milagre e não um primor da arte: — tal é o sentimento, a expressão, e o bem estudado da forma que anima e sanctifica toda esta composição. Perguntámos os preços em que estavam avaliados alguns d'estes riquissimos vestigios de uma grande riqueza — e com pasmo tornámos a perguntar se essa avaliação era feita pela Academia das Bellas-Artes. Disseram-nos que não, e immensamente sentimos que todo este respeitavel corpo não fosse ouvido em tão grave assumpto; e como em muitos outros da sua competencia não tem sido ainda, não podemos deixar de mencionar n'este logar, que o saber dos professores da Academia, e o pensamento da sua fundação e conservação, mereciam que esta corporação, credora de muito louvor pelo zêlo com que cultiva e promove o estudo das Bellas-Artes, fosse mais dignamente considerada. — O assumpto em que fallâmos é tão grave, que o amor das Bellas-Artes e da patria, com que tanto se liga, póde-se demonstrar com mais vigor do que as circumstancias o requerem. — Terminaremos chamando a attenção do Governo e das Côrtes sobre este importantissimo objecto, em que Portugal póde, ou perder muito das honras de paiz civilisado, ou ganhar bastante do que já tem perdido. A nossa consciencia fica tranquilla, pois que erguemos um sumido e debil brado em favor da gloria da nossa patria, e do esplendor das Bellas-Artes, cumprindo religiosamente o que se lê na introducção com que este jornal abriu o seu 7.º anno: — «Sem suscitar odios, sem as grandes coleras do crer profundo, que, ás vezes, pelo exclusivo e pela intolerancia, apoz um grande bem que gera, traz deploraveis males: o *Panorama* tem procurado encorporar os desejos e esperanças do futuro com as saudades e tradicções do bello e grandioso, que ennobrecem esta nossa terra......» — *S. J. Ribeiro de Sá.*»

(Panorama de 27 de janeiro de 1844.)

ACORDA, E MORRE!

A *Poesia*, que hoje publicamos, faz parte dos ensaios de um mancebo, que pela primeira vez dá á estampa uma composição sua.

A *Revista* tem, por diversas occasiões, recebido nas suas columnas as estrêas de engenhos noveis. As relações de mui proximo parentesco que nos ligam a esse mancebo fazem com que lhe desejemos um futuro tam brilhante, como o que tiveram muitos dos bardos, que n'este modesto alcaçar vieram afinar as cordas inexperientes das suas lyras.

---

36 Linda estrella dos sonhos mais alvos
Donde vens tam formosa a luzir;
Que me as vistas levando em teus raios,
Co'a ventura te via fugir?!

No azul firmamento engastada
Lá te vejo a final appar'cer!
Virás tu levantar-me da terra,
Ou virás condemnar-me a morrer?!

Vais ser f'rida dos raios da luz
Minha fronte escondida nas trevas!
Abre as azas do prezo desejo,
Que d'um sonho á verdade te elevas!

Vou co'as verdes esp'ranças mais vivas
Em festões meus cabellos ornar;
Qual se vestem de gallas os prados
Ao gentil matutino ruar!

Aureas portas fechando ao soffrer
P'ra não mais dentro d'alma as abrir;
Ai verei se entre a dôr se esqueceram,
Se inda sabem meus labios sorrir!

Sêca a flor da saudade no peito
Verde c'rôa deixou que a cingia!
Negro veu da tristeza rasgar
Vou co'a mão da formosa alegria!

Ó meu astro que bem tu fulguras!
Qual outr'ora dos outros te extremas!
Virás tu com teus raios ainda
N'esta fronte c'locar mil diademas?

....

....

Mas porque outra vez dos meus olhos
Quão mais perto de mim vens brilhando
A vigilia que os abre me foge,
E os vou brandamente fechando!...

Pois a luz que dos seios esparges
Hade em trevas deixar-me ficar?!..,
Pois eu heide saber que inda existes,
Sem do somno fatal acordar?!....

....

....

Heide sim, que este somno que eu sinto
É que o outro mil vezes mais forte!
Não são tristes saudades da vida,
É a negra certeza da morte!!!

de dezembro de 1847.

L. A. Ribeiro de Sá.

TRADUCÇÃO DA ENEIDA DE VIRGILIO.

37 Vae publicar-se a — *Eneida de Virgilio* — traduzida em verso solto portuguez, com o texto ao lado, pelo Sr. José Victorino Barreto Feio.

Sahirá a lume por *entregas* de cinco folhas pouco mais ou menos, contendo cada uma dellas — um livro. A impressão é feita com toda a belleza e nitidez.

Só se tiram tantos exemplares quantos forem os subscriptores. Assigna-se para esta obra na rua Augusta n.º 1.

O TROVADOR.

38 Temos a maior satisfação em annunciar que o *Trovador* continua a illustrar a nossa patria.

Do n.º 12 que se acaba de publicar, fallaremos no proximo numero.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

BANCO DE PORTUGAL EM 30 DE NOVEMBRO DE 1847.

39 Notas do Banco de Portugal em circulação.................. 34:530$000
Depositos — moeda metalica em caixa 125.514$562
Numerario metalico em caixa....... 230.232$079
Prata além do dito numerario....... 13.355$200

Lisboa 6 de dezembro de 1847.

Em 10 do corrente se publicou, precedido de um largo relatorio um decreto, contendo os artigos seguintes:

Artigo 1.º Todas as contribuições directas, rendas de contractos, direitos e impostos, juros e outros rendimentos de qualquer natureza que sejam, que se cobrarem ou arrecadarem do dia vinte do corrente mez de dezembro inclusivè, serão satisfeitos metade em moeda metalica e metade em notas do Banco de Lisboa pelo seu valor effectivo no mercado; e similhantemente todos os pagamentos feitos de conta do estado, do citado dia em diante, serão realisados na fórma acima declarada, á excepção dos já annunciados ou começados.

Art. 2.º Pelo ministerio da fazenda se annunciará no *Diario do Governo*, que se publicar em cada segunda feira, o valor pelo qual deverão ser recebidas nas estações publicas e dadas em pagamento durante a semana, as notas do Banco de Lisboa, sendo esse valor calculado pelas certidões da camara dos corretores, segundo o preço medio das vendas e compras effectuadas na semana proxima antecedente, com o augmento de dois por cento a favor do devedor.

§ *unico.* Para os recebimentos ou pagamentos que se deverem realisar fóra de Lisboa, regulará o ultimo valor dado ás notas, e de que houver conhecimento pelo *Diario do Governo* nas repartições publicas em que se effectuar alguma das ditas operações.

Art. 3.º As transacções entre particulares, bancos ou companhias, não ficam sujeitas ás disposições do presente decreto.

Art. 4.º São igualmente exceptuadas das disposições deste decreto, e continuarão a ser realisadas pelo seu valor nominal:

1.º A venda dos bilhetes da loteria, auctorisada pelo decreto de nove de abril ultimo:

2.º A recepção ou pagamento em bilhetes admissiveis nas alfandegas, creados por decreto de trinta de outubro deste anno:

3.º As amortisações mensaes das notas do Banco de Lisboa, estabelecidas por decreto de dezenove de novembro de mil oitocentos quarenta e seis, e quaesquer outras que das mesmas notas se fizerem de conta do governo.

Por aviso do Governo Civil de Lisboa se fez publico que Maria Norziglia requereu privilegio exclusivo de introducção, para um systema de fabricar alvaiade carbonizando o chumbo por meio de acidos; e que as pessoas a quem convier esta *patente de introducção* por menos de cinco annos, devem apresentar as suas propostas no dito Governo Civil até 23 do corrente.

Por um Decreto publicado no dia 13 se alterou o que havia creado em 9 de abril ultimo a — Loteria Nacional.

A publicidade que terá este Decreto nos dispensa da sua impressão.

Por uma Portaria de 16 do corrente se alterou na Pauta Geral das Alfandegas, uma disposição que exige para serem despachados os volumes de varias fazendas de seda a circunstancia de terem de pezo pelo menos 100 arrateis; e se determinou que seja admittida nas Alfandegas do Reino e Ilhas adjacentes em que a sua importação é permittida, qualquer porção de seda manufacturada, com tanto que venha em volumes com outras mercadorias, que ao todo não pezem menos de quatro arrobas.

Segue-se a substituição que neste sentido se deve propor as Côrtes para o *N. B.* da classe 8.ª da pauta.

BENÇAM DE UMA NOVA CAPELLA.

O muito que veneramos a Santa Religião dos nossos maiores, e o respeito e dedicação em que temos a S. A. R. a Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria, a quem por mais de uma vez temos tributado o louvor que merecem as excelsas virtudes que a illustram, eram motivos sufficientes para publicarmos o artigo, que mui delicadamente se nos offereceu ácerca da Bençam da

uma nova Capella. Mas accresce que a Redacção da Revista tem ainda outra causa para se lisongear com esta publicação, pois que este artigo é tambem o começo de uma nova collaboração, que muito honrará as suas paginas.

---

40 No dia 6 de dezembro de 1847, o Cardeal Patriarcha acompanhado de seus Capellães, e do Secretario da Camara Ecclesiastica, procedeu á visita e Bençam da Capella publica, que S. A. R. a Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria, por sua exemplar devoção á immaculada Conceição da Virgem Maria, mandou edifficar junto ao paço de sua residencia em Bemfica. O presbitero Manoel Luiz Trigo, primeiro capellão de S. A., e ecclesiastico que sempre tem gozado publica e geral estima, concorreu com os mais ecclesiasticos da capella, nos actos supraditos, e na missa que em seguida celebrou o Em.° Prelado.

A Capella é de fabrica magestosa, d'um custo superior a quarenta contos de réis, e enriquecida com bons marmores portuguezes, principalmente no retabulo da Capella-Mór, onde assenta o quadro da Conceição, que é de subido valor artistico. Tem dous altares lateraes, para o culto de Santa Izabel, e de S. Fellipe Nery, reprezentados em bons quadros a oleo.

O serviço de Vasos Sagrados, alfaias, paramentos o ornatos da Capella, é de summa riqueza, e do melhor gosto.

O Prelado, em respeito aos elevados sentimentos religiosos de S. A. R., auctorisou a conservação do deposito do Sacramento da Eucharistia, em Sacrario na mesma Capella.

No dia 8 celebrou-se em a nova Capella a primeira Missa solemne, á qual assistiram Suas Magestades e Altezas.

BANCO DOS ESTADOS-UNIDOS.

41 A reserva metalica pouco tem augmentado, apesar das avultadas sommas recebidas de differentes pontos.

Nos sete primeiros mezes do corrente anno, a importação de numerario prefez vinte oito mil quatro centos e oitenta contos de réis. Mas a exportação foi tambem avultadissima.

Pela gazeta do governo, denominada *Washington-Reunion*, consta que desde o principio do anno as remessas de dinheiro para as despezas da guerra, sustentada no Mexico, subiram a perto de onze mil contos de réis.

PRAÇA DE LISBOA.

42 Realisaram-se durante a semana algumas transacções sobre fundos publicos e acções de Companhias.

As acções das Lezirias subiram a 360$200. Os Escriptos do Thesouro admissiveis nas Alfandegas subiram a 98 por cento na fórma. Os mais papeis de credito sustentaram os preços com que os cotámos em o n.° antecedente.

O desconto das notas tem variado de 33 a 40 por cento.

CHOLERA MORBUS.

43 Já é fóra de duvida que esta molestia está na Europa.

O annuncio é terrivel, mas por isso mesmo, e porque ainda está longe, e vem rara, é que nos dá tempo a que a observemos placidamente, ou para empregar os meios usuaes para evitar a sua invasão, ou para a retardarmos o possivel; ou ainda para lhe minorarmos os seus effeitos.

É agora a occasião propria, e em quanto ella está distante, que muito convem tratar dos meios conhecidos para se oppôr á sua invasão.

Ao estado em que este objecto já chegou, não ha guardar misterios: muito pelo contrario — é a maxima publicidade que convem. Se alguns animos fracos se assustarem, não nos importe isso: antes desanimemos agora que o mal vem longe, do que succumbamos, quando elle estiver a braços comnosco. É melhor ir acostumando os póvos a ouvirem, ou, se quizerem, a luctarem com o nome deste flagello, do que deixa-los n'uma ignorancia, que lhes póde ser fatal no momento do perigo. Comecemos por aprender a não lhe termos medo. Conseguido isto, ninguem dirá, que não obtivemos uma grande vantagem.

A duas especies, quanto a nós, se redusem as providencias que ha a tomar contra este flagello: umas dizem respeito á introducção do mal; — e as outras ao seu curativo.

Reduzem-se as providencias preventivas, a quarentenas, á não introducção de objectos, que se creem a poderão transmittir, e a uma terceira, que é de todas a mais grave; que vem a ser — tomar as cautellas possiveis para que este mal não encontre facilmente prêsa entre nós.

A salubridade do ar, dos alimentos, a limpeza quer publica quer particular obstam á sua introducção ou pelo menos diminuem-lhe os estragos e a intensidade.

Muito conveniente seria que se começasse desde já a tractar mais cuidadosamente da limpeza da cidade.

Em consequencia do que levamos dito propomos o seguinte:

1.° Que desde já se comece a tratar cuidadosamente da limpeza da cidade, melhor do que actualmente se pratica.

2.° Que o conselho de saude publica exponha pela imprensa quaes os meios de aceio e limpeza se devem tomar no seio das familias, tratando por convencer a todos de quanta utilidade isto lhes póde ser.

3.° Que se procure dar á pobreza, gratuitamente, alimentos sadios.

Da nossa parte está o fazermos ou com que o mal nos não accommetta, ou que os seus estragos sejam os menores possiveis.

Ao governo, ás camaras municipaes, e ao conselho de saude publica compete vigiar para que se tomem as providencias necessarias, e quanto antes: e confiamos no zelo e prudencia destas auctoridades que

farão da sua parte tudo que as circumstancias demandam.

Promettemos não desamparar o assumpto. * *

ACADEMIA DAS SCIENCIAS.

44 Consta-nos que esta respeitavel e antiga associação está tractando dos pontos, para o *Programma* dos seus premios. Parece que se propoem alguns assumptos novos, como muito era mister.

VENDA DE LIVROS CLASSICOS.

45 Hoje (16) pelas 11 horas da manhã, na rua do Poço dos Negros n.° 12, ha leilão de uma preciosa e variada collecção de livros classicos portuguezes. Desejariamos que objectos de tal naturesa não sahissem do paiz.

THEATROS.

46 Ainda por falta de espaço não podémos fallar dos theatros. Tambem n'este ponto poucas variedades tem havido. — No Theatro de D. Maria II repetiu-se o *Latude* ou 35 annos de captiveiro. Em S. Carlos devia representar-se a opera Attila, para estrêa da Sr.ª Librandi

Brevemente dedicaremos a este assumpto a attenção que merece.

FESTIVIDADE DE SANTA CECILIA NO PORTO.

47 Recebemos varias cartas do Porto, as quaes são concordes em louvar o modo solemne, como os socios da Sociedade Philarmonica festejaram a Santa da sua devoção. Folgamos em que a segunda cidade do reino não quira ficar atraz da capital no verdadeiro caminho da civilisação. A festa celebrou-se no vasto templo de S. Bento da Victoria. Concorreram todas as pessoas distinctas da cidade. A musica era composição de um illustre portuense o Sr. Francisco Eduardo da Costa. Executaram-n'a perto de cem pessoas, das quaes não chegava a meia duzia o numero dos que se não podiam chamar curiosos.

Louvando nos, nos elogios que as referidas cartas e os jornaes do Porto tributam a esta composição, e nas lembranças vagas que nos restam de alguns trechos, que tivemos o prazer de ouvir a ultima vez que fomos ao Porto, ousamos asseverar, que o Sr. Franciscisco Eduardo da Costa, muito honra a nossa patria pelo seu elevado talento musico.

As Exm.ªs Sr.ªs D. Sophia Outeiro e D. Henriqueta Cardoso encantaram todos os circumstantes, pela nitidez e força de voz, com que souberam comprehender o mavioso pensamento d'essa composição sacra.

Para nada faltar a tam grandiosa solemnidade, o Exm.° Sr. Bispo da Diocese a honrou com a sua respeitavel presença.

Todos ficaram muito penhorados pela extrema benevolencia, com que o illustre prelado se dignou dar esta prova do quanto merece a estima e veneração da sua Diocese.

Com muita satisfação deixamos registados estes factos em louvor dos portuenses, e nunca deixaremos de aproveitar ensejo para lhes pagarmos, por meio d'este jornal, os muitos e distinctos favores que lhes devemos.

NAUFRAGIO NO DOURO.

48 A falta de cuidado, com que em a nossa terra se cura de tudo, acaba de ser causa de uma desgraça, que por muitos motivos, arranca ao coração as mais sentidissimas lagrimas.

Do Peso da Regoa para o Porto, ha continuamente uma carreira de barcos, que, em certos periodos do anno, chega a ser muito rendosa. Mas sobre o Douro as vidas não andam mais seguras, do que aqui sobre o Tejo, onde, Deus permitta que nos enganemos, alguma estrondosa desgraça hade acordar já tarde a vigilancia que ha tanto dorme, sem evitar abusos que por em quanto não apontaremos.

O barco da carreira, que partiu da Regoa pelas 6 horas da manhã do dia 11 de novembro, trazia perto de cincoenta passageiros, e uma avultadissima carga.

Os homens do barco eram poucos, e improprios para tal serviço. — Uma testemunha ocular da triste catastrophe acaba de asseverar pela imprensa, que até o homem que dirigia a espadella *não tinha a experiencia necessaria para tam importante mister!!*

E assim vinham 50 vidas confiadas á ignorancia de poucos remeiros; quando ao pino do dia, mesmo defronte das Caldas d'Aregos, perto de uma ilhota, o arraes em vez de guiar o barco por um canal que ficava á direita o deixa ir direito a uma galeira situada á esquerda, não sabendo prevenir-se para a descida; o baixel embate em uma grande pedra e ahi deixa a espadella e parte da popa.

Os passageiros ficaram attonitos e alguns com os barqueiros poderam fugir para a ilhota.

O barco continuou com velocidade a sua perigosa navegação. Entre as 15 pessoas, que com elle se iam sumir no fundo do rio, estavam quatro senhoras na tolda, dando lhes já a agua pelo pescoço, e á porta da prôa só de momento a momento é que surgia d'entre a agua uma cabeça de mulher! No resto dos malfadados companheiros de infortunio se viam quatro anjinhos, contemplando com os olhos da innocencia a scena lugubre que os cercava.

Dous estavam na tolda entregues á providencia de Deus, e os outros dous jasiam por baixo da tolda entregues a essa outra providencia, tambem divina, a que os homens poseram o suave nome de mãi. — Já quasi tragadas pela agua, a mão debil de uma mulher as sustinha por alguns instantes fóra do perigo, por meio da força que sabe dar em taes occasiões o mais sancto affecto da terra. Este quadro de Deus, digno de ser copiado por um pincel insigne, não foi visto pelos remeiros dos barcos que acudiram a salvar alguns dos viajantes já quasi mortos. E já esses barcos iam distantes do modesto tumulo de perto de uma duzia de infelizes, quando de uma das janellas do barco a mão quasi desfallecida da misera mãe lhes pede a salvação. — Voam para ella, e tiram-n'a dos braços da morte e aos filhos que debalde queria salvar! Ao contemplar tam dolorosa situação, um pensamento respeitoso nos sahe da mente em louvor da religião que professamos. Afigura-se-nos vêr subir pela encosta de Mattosinhôs uma mulher descalça com duas creanças nos braços; e chegar-se perto do sacrosanto altar para, junto com as orações fervorosas, depôr o óbolo esmollado pelas ruas populosas da cidade! Só quem já viu de perto os perigos da vida, comprehenderá a suave alegria dessa humilhação, que parece resultar do cumprimento de um voto, e que apenas é como um raio de luz divina cortando as trevas, de que nos vamos deixando cercar.